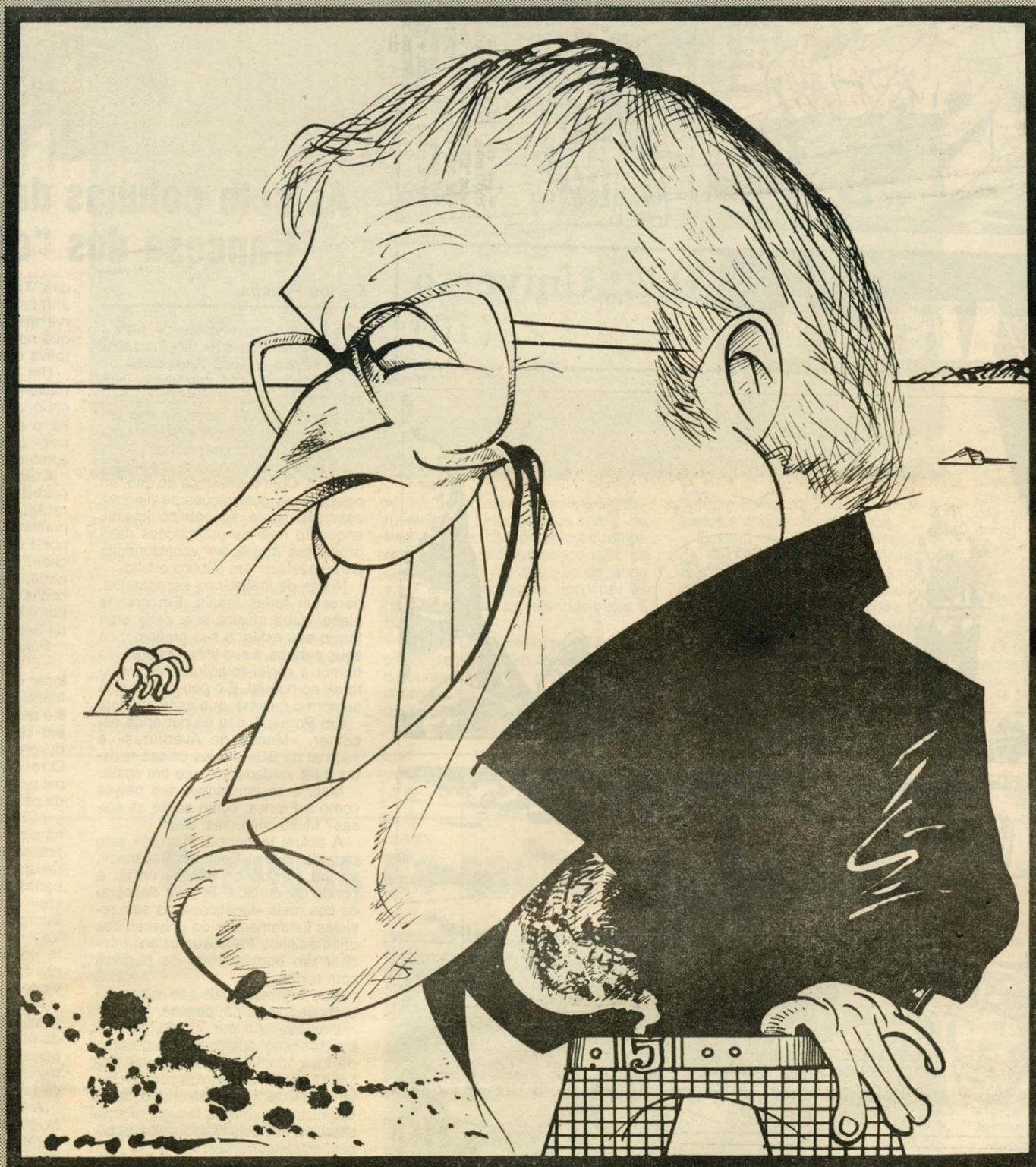


# domingo

Diário de Notícias

17-4-1983



## Cardoso Pires: O medo de uma aventura medíocre

Entrevista de Rogério Petinga  
Fotos de António Aguiar

José Cardoso Pires, Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, pelo seu livro «A Balada da Praia dos Cães», uma saúde de ferro, 57 anos, e um medo enorme da «aventura mediocre». Hoje, por força de um prémio saiu da sombra a que os escritores por sua natureza se acolhem. Por força ainda do prémio tem-se sabido mais dele, ultimamente. Autor de palavra imediata, sabe-se, isso sim, como a tem usado: sem compromissos, sem cálculo, escrevendo a vida.

Rogério Petinga

Como é viver da escrita neste País?

VIVE numa casa de bairro, anos 50, entre as árvores. Na sala, um ambiente sóbrio, despreocupado, alguns originais de pintura nas paredes, gravuras, uma mesa pesada comprida, junto à lareira apagada de Abril.

Dos livros que escreveu, lembra-se o primeiro, «Os Caminheiros e Outros Contos», seguido de «Histórias de Amor», «O Anjo Ancora-do», «O Hóspede de Job», «O Renter dos Heróis» (peça de tempos heróicos), «O Delfim», «Dinossau-ro Excelente», «A Cartilha do Marialva».

Homem de estatura sólida, gosta de conversar, lembrar, detendo-se pouco em respostas precisas, dando-se às palavras, ao correr do tempo, como se estivesse sempre a descobri-las.

Para ele, a imagem da nossa reverência, tão lusitana, que citou a certo passo: «o cavaleiro sabe com quem está a falar?»

Antes de tudo e a propósito, o que pensa dos prémios literários?

Bem, não posso deixar de ver o prémio literário senão em função do País. Um prémio, em Portugal, embora seja um incentivo é, fundamentalmente para mim, o que ele pode representar de estímulo para outros escritores além do aspecto de activação da vida literária como coisa pública. Não é apenas tirar o escritor, em si, da marginalidade, digamos a que ele pertence, por condição, mas o fenómeno literário passa de algum modo a ter uma representatividade pública, uma vida, que de um modo geral em países como o nosso, fechado, não tem.

Não posso esquecer, por exemplo, que foi graças ao Prémio Camilo Castelo Branco que comecei a ser traduzido. Se não fosse isso, não tinha sido traduzido. A prova é que a partir daí seguiram-se traduções da Gallimard de dois escritores portugueses. Não sei se eles teriam sido sem mim, isso não sei.

Quem é Cardoso Pires, pessoa? É de Lisboa?

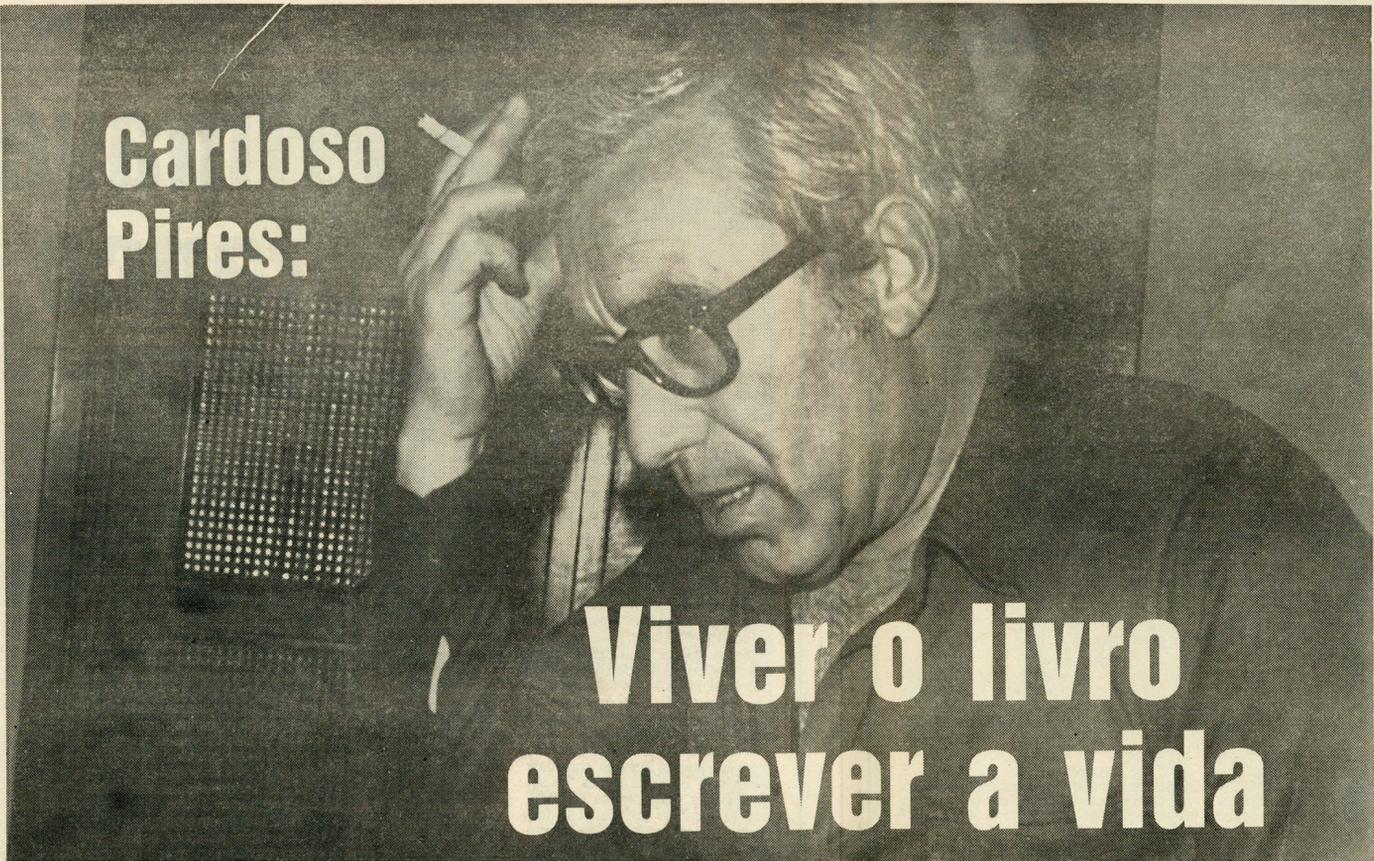
Não. O Peso é a minha terra natal, mas de certo modo nasci lá porque a minha mãe era como os salmões: tinha sempre os filhos na terra, era um preconceito. Quando eu estava para nascer o meu pai pôs a minha mãe no comboio e foram lá para a Beira. Depois aconteceu o mesmo com a minha irmã. Só voltei à minha terra pouco antes do 25 de Abril. Até se deu uma coisa com piada. Foi em Janeiro de 74, quando mais de mil pessoas assistiram ao encontro cultural do aniversário do «Jornal do Fundão». Foi convidado um poeta, o Eugénio de Andrade; um romancista (eu), e um pintor (o Cargaleiro). Uma festa em grande, à Paulouro, à beira. Comeu-se e bebeu-se durante dois dias. A certa altura, eu tinha sido apresentado como natural do Peso, do concelho do Fundão, e tive que dizer: estou aqui mas não sou do Peso, sou do outro, da Beira Baixa.

Foi então que, à vinda, passei pela terra onde tinha nascido, onde não tenho quaisquer relações. Da parte da minha mãe tenho uns vagos primos que não conheço e pela parte do meu pai era tudo gente pobre, que está lá para as Américas.

Sinto-me provisório

Tem muitos amigos? Cuida deles?

Olhe, na minha vida cortei relações com três amigos. Um deles, é uma coisa curiosa, quem tinha razão era eu e quem me levou a cortar relações foi ele. Mas nem sequer foi uma questão grave; ele exagerou de facto um bocadinho o que tinha feito. Simplesmente eu corto relações e acabou. Nunca mais falo da pessoa. É o que posso dizer da amizade. Tenho amigos de infância e mantenho-os. Alguns, por vezes, estou anos sem os ver e, de repente, encontramos-nos e é como se nos tivéssemos visto na véspera.



Amanhã, já tenho 60 anos e se agora já ninguém me quer num emprego, depois muito menos. Assim, fica-me o dia-a-dia. Enquanto aguentar, aguento mesmo e então logo se vê. Há aqui um sentido de marginalidade, é verdade. Mas também penso que ela é necessária, essa marginalidade. Um indivíduo instalado acaba também, mas do outro lado...

Agradar a quem?

Alguma vez deu consigo a escrever para agradar a alguém?

Nunca, nem inconscientemente, tive a tentação de escrever para agradar. Nunca senti isso.

Mesmo nos tempos do dito fascismo?

Bem, como sabe eu publico pouco. Por isso é que escrevi, em tempos, um ensaio que se chamava «Técnica do Golpe de Censura» que aliás publiquei primeiro em Inglaterra. Pensa-se eu, nessa altura: se estes gajos me quiserem pagar já tenho esta protecçãozinha. Mas quando fiz o «Dinossau-ro» não procurei agradar nada. Tive uma sorte brutal. É claro, e devo isso à estupidez do Casal Ribeiro que me ajudou muito sem querer. O que eu era capaz era de escrever uma coisa e quando ia para a publicar guardava. Não publicava porque tinha medo ou entendia que ia arranjar sarilhos. Isso sim. Há coisas e coisas que tenho e que só depois do 25 de Abril achei que não eram especialmente importantes, mas que guardei porque tive receio de consequências.

Não se pensa então de modo nenhum um «escritor de charme» que pretende agradar a um certo tipo de leitor?

Olhe para ser franco, vi um livro meu na mão de uma pessoa, na rua, a última vez, aqui há uns meses. Ao longo da vida, devo ter visto umas três vezes. Por isso, sei apenas o público que tenho em termos de números; isso sei porque faço os contratos e tenho conhecimento dos exemplares que se vendem. Não sei pois qual é o meu público, não gosto de dar autógrafos; uma sessão de autógrafos para mim é uma coisa horrível. Mesmo que quisesse não sabia a quem havia de agradar.

Sou de fácil acesso mas, no fundo, sou também bestialmente introvertido, ou tenho a impressão de que é mais uma timidez disfarçada. Sou capaz de falar durante um serão com uma série de pessoas, mas se vou para uma reunião escolho uma pessoa e fico com ela. As duas por três, estou cansado e há uma tendência de fuga, agarro-me a um gajo com quem simpatizo mais e colo-me. Além disso tenho uma péssima memória visual. Acontece-me estar a falar com pessoas e perguntarem-me se eu não sei quem elas são. Há aqui qualquer coisa de velhinho despachado. Dantes, disfarçava bem, agora já não disfarço. Tenho boa memória para a escrita, isso sim. Consigo lembrar-me de pedaços inteiros do que leio.

Aproveitar a escrita. Acha, como Borges, que a literatura é a sua vida?

Para mim, não é bem assim. Acho que há um limite ideal, que é viver o livro, escrever a vida. É deste compromisso contraditório, que pode ter um lado negativo, que me alimento. O que quero dizer com isto é que se deve aproveitar o máximo da escrita que a vida tem, e aproveitar, também, o máximo da vida e dos prazeres que o livro dá, quando se escreve.

Há uma parte do livro que é muito importante e que é aquilo que fica guardado, que se prolonga pela vida fora (eu penso que um livro, qualquer livro, se prolonga pela vida fora). A gente escreve um livro e ainda que não o leia mais, e isso tem-me acontecido com algumas reedições, vêm sempre histórias espantosas associadas. Um livro está sempre ligado a muita coisa. Se há uma tortura da escrita ela interessa-me pouco, interessa-me mais a memória do que está ligado à escrita. Digamos que há uma escrita paralela, como se fossem memórias paralelas...

Estar por tudo

Quando acabo um livro, penso sempre que estou por tudo, pelo menos naquele primeiro tempo. Sei o que quis fazer, o que não sei é se as cargas de valor, as cargas intencionais colocadas dentro do esbatido ou do sublinhado foram bem doseadas, de maneira a resultarem com as múltiplas significações que muitas vezes interessa que essas coisas tenham.

O facto mais simples só interessa contar se se mantiver simples na sua expressão. Mas se se transformar em múltiplo nos seus significados, nas suas contingências, não é? Isso é que me parece importante. O pior é sempre a dúvida, e isso acompanha o indivíduo pela vida fora.

Mas há momentos gratificantes...

O que mais me entusiasma é ter um texto muito tempo na gaveta e, ao lê-lo, com a ideia que sei tudo o que lá está, verifico que afinal havia ainda mais coisas do que aquelas que eu julgava que tinha. Nesse momento, fui feliz: consegui a felicidade no momento em que fiz esse texto; consegui induzir certas cargas que real-

mente se desdobraram e deram uma irradiação especial.

Mas é um trabalho penoso, quando se está sozinho, e passam dias e dias de solidão, e a certa altura começa a acentuar-se o cansaço físico. Por vezes sou capaz de estar seis, sete ou oito horas a beber água e café para não comer, e não sair da banca de trabalho. O pior de tudo é quando se sabe que qualquer coisa está mal, e não se dá com a solução, que acaba por chegar por cima de nós, o tal momento feliz, que se passa também na pintura como em tudo onde há criação.

A dúvida em que um indivíduo está constantemente, a dúvida de não conseguir agarrar as coisas pelo lado mais subtil, mais rápido, mais sensível; mais sensível, é isso. Esse é o aspecto mais doloroso.

Um livro de fascínio

Ao fim e ao cabo, escreve por prazer?

Escrevo simplesmente porque gosto de escrever. Bem vistas as coisas é o que menos me cansa e me dá mais prazer.

As suas personagens mais fortes são sobretudo masculinas?

Penso que não, penso até que neste livro na Balada a personagem mais forte é ela. A Maria Velho da Costa dizia-me há dias que este livro era um livro de fascinação. Quando estive há umas semanas em Londres houve um jantar em casa do Eugénio Lisboa e estava lá o Knopfl, o Graça Moura e a certa altura ela dizia esta coisa: que o livro para ela não era uma dissertação sobre um crime «era uma dissertação sobre o fascínio»; o Covas fascinado por aquela mulher, e ela para além da morte. De facto, ela está para além da morte já, não é? Penso que ela resulta ser a personagem mais forte. Evidentemente que o mais forte do ponto de

ditadura, pela polícia, pela sociedade policiada que era aquela, mortos também pela porcaria que era um certo tipo de oposição, a que eu agora posso fazer críticas, mas que então não podia fazer. A gente hoje pode ter partido ou não, pode-se pertencer a uma gama ideológica, mas naqueles dias havia um inimigo comum que nos dominava a todos.

Depois, quando acabei de fazer essa versão, logo vi que aquilo não me interessava e deixei ficar. Passados só, portanto, para aí uns dez anos peguei no livro, outra vez, já com uma ideia totalmente diferente. No fundo, até com uma liberdade interior muito maior. Então, sim, fiz o romance que me interessava e que não era propriamente escrever um

- Quando acabo um livro, penso sempre que estou por tudo
- O facto mais simples só interessa contar se se mantiver simples
- Quando não se sente a vida, sente-se a morte



vista político, a figura mais inteira, é o cabo, mas é precisamente a mais pobre.

O Covas é uma personagem naturalmente irreal, inventada. Só conheço um polícia da Judiciária que não tem nada a ver com o Covas.

Note que eu tinha escrito uma primeira versão da Balada à volta de 1970. A certa altura tive vários problemas; um deles, é que nunca poderia publicar aquilo e se publicasse corria o risco de parecer um facto, enfim, bastante dúbio, porque eu abso-lvo aqueles tipos. Ora se eu publicasse naquele tempo o livro da maneira como o faço agora, poderia parecer que me queria pôr acima das coisas e o fascismo até poderia dizer que eu estava a fazer a condenação daqueles tipos. A verdade é que, sem querer, dei por mim, quando fiz a primeira versão, a escrever um romance-reportagem, quando o que me interessava era o que estava para lá do crime, a dissertação sobre o crime. O facto é que eles estavam já tão mortos naquela altura como o outro que mataram. É o crime dos assassinados. Estavam todos mortos à nascença. E mortos não só pela

livro à Truman Capote ou à Norman Mailer, mas uma coisa de ficção. Ultrapassar o facto real, em si, com outras irradiações que me interessavam, quer do ponto de vista social e político, quer humano de comportamento.

Qual é o sentido que tem mais importância para si na escrita?

É o olfacto, o cheiro. Os meus livros estão cheios de coisas ligadas ao olfacto, isso é típico. Assim como há vícios meus que aparecem nos livros, como as mãos. Dou muita importância às mãos. É raro o livro em que não, aparecem. Mas isso das mãos está muito ligado ao jogo, ao aspecto lúdico.

O Aquilino Ribeiro dizia que a grande qualidade para o escritor era o ouvido. Mas esse ouvido a que ele se referia, quando o indivíduo está a escrever, é como se se ouvisse a música e o tom do que se escreve. A facilidade da palavra vem muito quando a pessoa tem esse ouvido e está com o registo da voz da personagem na boca, na ponta da caneta. É importante, sem dúvida. Era das

coisas curiosas que eu achava no Aquilino.

Que é que o preocupa mais neste momento?

Como pessoa o que me preocupa mais é a incerteza em que se vive, eu, como muita gente: o medo de uma aventura mediocre. Penso até que este País está a correr esse risco, o País todo, não sou só eu.

Outra coisa ligada a isto que me preocupa é uma resignação contante que é muito portuguesa e a que as pessoas são sempre tentadas, todas, inclusivamente eu, uma resignação contante. O pequeno êxito, a pequena coisa, a Vossa Excelência não sabe com quem está a falar! Isto tem uma carga espantosa de contentinho...

Qual é o seu maior prazer? Tenho muitos prazeres. Até tenho prazer em fumar 50 ou 60 cigarros por dia, mas desses não gosto para aí de 45, como é natural. Gostarei quando muito de cinco. Mas esse é o preço dos prazeres. Tenho grande dificuldade em distinguir os prazeres dos vícios. Mas também estou cheio de vícios, portanto, estou também cheio de prazeres. Gosto de cinema, é o espectáculo de que mais gosto. Se me perguntarem se quero comer um bom alimento ou ir ver um bom filme, eu digo-lhe já que não sei. Fico à rasca. Começo logo a fazer contas; o almoço, se não o como hoje estou lixado, porque já não o como tão cedo e o filme talvez ainda lá esteja amanhã.

O que o anjo escreve...

Lê muito? Sim, leio muito. Quer dizer, leio muito mas canso-me facilmente de um livro que não me agarre. Dai que no meu quarto possa ver muitos livros dobrados ao meio, que vou deixando. Isso significa que parei para ver se tenho um dia mais vontade. Mas leio muito.

Qual seria para si o livro universal?

Bem, estou a pensar que se o mundo acabasse e ficasse um livro ele teria de ser a Cartilha Maternal, era o barro para outros.

Pensa com frequência na morte?

Não frequentemente. Penso mais na incapacidade de viver. Quando não se sente a vida, sente-se a morte.

Sabe para quem escreve? Só sei, disso tenho a certeza, para quem não escrevo.

O que os outros pensam dos seus livros tem importância para si?

Relativamente. Nunca sei como hei-de reagir aos elogios. Prefiro que digam que não gostam de uma coisa minha, isso dá-me vontade de discutir.

Que livro gostaria de ter escrito? Ah! Aquele que o anjo pode escrever pela mão do Diabo...

